**«Portugal tem um potencial humano excepcional, mas a ciência está enquistada»**

**Entrevista a Josélia Neves, especialista em tradução audiovisual para cegos, surdos e amblíopes, que trabalha no Catar.**

**Nascida em Lourenço Marques (Moçambique), Joselia Neves é hoje coordenadora científica do Mestrado em Tradução Audiovisual na Hamad bin Khalifa University, no Qatar. Esta entrevista foi realizada no âmbito do GPS - Global Portuguese Scientists, um site onde estão registados os cientistas portugueses que desenvolvem investigação por todo o mundo.**

**Pode descrever de forma sucinta o que faz profissionalmente?**

Sou coordenadora científica do Mestrado em Tradução Audiovisual na Hamad bin Khalifa University, no Catar – o primeiro mestrado na área no Médio Oriente – e investigo Tradução Audiovisual e Comunicação Inclusiva. De forma mais concreta, trabalho em legendagem para surdos, áudio descrição e comunicação áudio-táctil para cegos. Como sigo os princípios da investigação-acção, faço o que estudo e estudo o que faço, sempre em colaboração com os agentes que oferecem os serviços e os utilizadores finais. Basicamente, trabalho com televisões, produtoras, companhias de teatro, museus e organismos públicos e privados promotores de serviços diferenciados, bem como com instituições ligadas a pessoas com deficiência, para, em conjunto, desenvolvermos soluções efectivamente úteis a quem delas necessita.

**Agora pedimos-lhe que tente contagiar-nos: o que há de particularmente entusiasmante na sua área de trabalho?**

A comunicação inclusiva é uma área inter e transdisciplinar com um enorme potencial científico e social. Por um lado, estudamos a ciência e arte de comunicar (através de diversos sistemas verbais e não-verbais); por outro, temos a possibilidade de “mudar o mundo”. O trabalho que desenvolvo está intimamente ligado à vida quotidiana e às formas mais básicas de comunicação. Um dia os projectos implicam trabalhar com o cinema ou a televisão para desenvolver formas de acesso às novas plataformas de distribuição; para no dia a seguir estar a tornar um espectáculo de dança “visível” a pessoas cegas; para depois trabalhar num museu ou atracção turística através do desenvolvimento de guias multissensoriais; e logo a seguir criar materiais para serem utilizados numa sala de aula.

Uma vez que toda a minha investigação é desenvolvida com a comunidade envolvente, tem repercussões humanas e sociais que vão muito para além da esfera puramente académica e científica. A título de exemplo, neste momento estou a desenvolver dois projectos distintos em termos de espaço e contexto de aplicação, mas interligados no tópico de investigação. Em conjunto com a Qatar Museums, estudam-se materiais áudio-tactéis para uma exposição de Giacometti; e num contexto totalmente diferente avalia-se a utilização de técnicas semelhantes na apresentação de informação de segurança a bordo de voos da Qatar Airways. Tal revela como o conhecimento se vai construindo com base em estudos de caso concretos, cujos resultados revertem de imediato para o contexto em que o fenómeno é estudado.

O que mais me fascina no trabalho de I&D que desenvolvo é o facto de cada descoberta trazer em si múltiplas oportunidades. Cada projeto é especial e único e os resultados são sempre reais e tangíveis. Vivencio continuamente o efeito borboleta... vejo-me mais como uma exploradora do que uma cientista... e todos os dias me maravilho com os mais pequenos avanços.

**Por que motivos decidiu emigrar e o que encontrou de inesperado no estrangeiro?**

Sempre tive um pé dentro e outro fora de Portugal, uma vez que muitos dos meus estudos e projectos científicos se deram no estrangeiro. Sair de forma mais definitiva (embora sempre temporária) foi o percurso natural para quem sempre tomou o mundo como espaço de acção. Trabalhar e investigar num país como o Catar tem atrações várias, que obviamente passam pelas óptimas condições de trabalho, mas que, acima de tudo, se prendem com a energia que advém de um país em construção. O investimento nas tecnologias, na ciência e na cultura permitem que, em áreas pouco convencionais como a minha, se tenha condições ideais para a experimentação e a inovação.

**Que apreciação faz do panorama científico português, tanto na sua área como de uma forma mais geral?**

Somos um país com um potencial humano excepcional. Temos, num entanto, um sistema científico um pouco enquistado. As áreas tradicionais dominam e os estudos interdisciplinares têm mais dificuldade em se encaixarem no sistema vigente. As ciências sociais e as humanidades vêem-se relegadas para segundo plano, em termos de apoios e reconhecimento. A investigação aplicada nestes domínios é ainda menos reconhecida por ser, muitas vezes, híbrida e não seguir os padrões pré-estabelecidos numa determinada área. O sistema encontra-se ainda muito compartimentado e hierarquizado, havendo pouco espaço para interacção e fluidez entre domínios. Existe muita investigação de ponta, desenvolvida por jovens investigadores em laboratórios, politécnicos ou mesmo de forma autónoma, que nunca chega a ser considerada como tal, pelo simples facto de existir fora da(s) caixa(s) que o sistema impõe.

**Que ferramentas do GPS lhe parecem particularmente interessantes, e porquê?**

A GPS tem vindo a surpreender-me pelo dinamismo e pela pro-atividade. Para além da sensação de comunidade alargada que nos proporciona – pelo simples facto de sabermos quem e quantos somos, ou podermos descobrir quem estuda o que nós estudamos, ou quem habita o canto do globo em que nos encontramos –, permite-nos saber o que se vai passando no panorama científico em Portugal.

A noção de corresponsabilização, expressa na frase “a rede GPS são todos os investigadores que nela se registam e a dinamizam” é também muito interessante. No entanto, essa construção colaborativa só é possível se se der sob uma liderança forte e numa estrutura coesa e clara, algo que a GPS também mostra ter. Por fim, as mensagens que vamos recebendo por e-mail, sobre temas tão variados quanto os rankings internacionais ou bolsas existentes, também contribuem para esse sentimento de partilha e pertença que aqui quero relevar.

[*Consulte o perfil de Josélia Neves no GPS – Global Portuguese Scientists.*](https://gps.pt/u/jneves/about)

GPS é um projecto da Fundação Francisco Manuel dos Santos com a agência Ciência Viva e a Universidade de Aveiro.

GPS/Fundação Francisco Manuel dos Santos

Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva